**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG**

**DIRETORIA DE PESQUISA**

**DIVISÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

**PROGRAMAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E INICIAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO E INOVAÇÃO 2021-2022**

**UMA VIAGEM SIMBÓLICA: PROCESSOS DE HUMANIZAÇÃO E DESUMANIZAÇÃO EM *A VIAGEM DO ELEFANTE* DE JOSÉ SARAMAGO**

Vivian Isabel Cordeiro de Oliveira – Fundação Araucária do Paraná

Wendel Cássio Christal

Cristian Pagoto

Unespar/*Campus* Paranaguá

**INTRODUÇÃO**

Em 2022 celebra-se o centenário do escritor português José Saramago. Em razão disso, inúmeros congressos, debates, publicações e outras comemorações ensejam amplificar a importância desse escritor no contexto contemporâneo. Não é por menos: sua trajetória de vida foi marcada pela produção de uma obra consistente e multifacetada, composta por um rico material artístico-literário à disposição de leitores e pesquisadores mundo afora, para além das fronteiras do idioma em língua portuguesa.

Neste contexto, a fim de contribuir para o rol da fortuna crítica já publicada sobre o autor, além de fazer parte desta celebração do centenário, priorizou-se como objeto desta pesquisa um de seus romances: *A viagem do elefante*, uma de suas últimas obras publicadas que, embora retome aspectos de um romance que fraga um determinada época histórica, destaca-se por apresentar elementos simbólicos tramados na linguagem que fazem da história narrada deter sentidos mais profundos do que à primeira vista se notam.

Dentre esses elementos, o enfoque recairá sobre o tema da viagem, de modo a verificar as relações estabelecidas entre o protagonista da história, o elefante, e os demais personagens, humanos, observando sobretudo de que forma o animal é humanizado, num processo perene de personificação, ao passo que os humanos são ironicamente desumanizados.

Para alcançar tais objetivos nesta metodologia hermenêutica de interpretação, partiu-se da leitura de artigos acadêmicos sobre a obra de Saramago, mormente *A viagem do elefante*, para depois ser realizada um leitura interpretativa da obra, baseando-se em pressupostos teóricos de Antônio Candido sobre a importância da coerência interna da personagem no romance, bem como sobre a temática da viagem na obra de Saramago (ARNOUT, 2008; REIS, 2015).

Para relembrar, no contexto das comemorações dos 100 anos escritor, sua vida e obra, faz-se necessário retomar sua biografia, assim como um resumo de seu legado para a produção literária especialmente em português, como também para inúmeros outros idiomas por meio dos quais nosso único Prêmio Nobel foi e continua a ser traduzido.

José de Sousa Saramago nasceu em 18 de novembro de 1922, em Azinhaga, uma pequena aldeia situada na província do Ribatejo, a uns cem quilômetros de Lisboa. Filho de José de Souza e Maria da Piedade, dois camponeses, a infância do escritor foi humilde, marcada por moradias temporárias. Apesar disso, desde muito cedo já demonstrava interesse pelos livros e facilidade na escrita, além de notas excelentes, a ponto de ser eleito, aos 12 anos, tesoureiro da associação acadêmica no Liceu Gil Vicente, em Lisboa-Portugal.

Entretanto, a condição social de Saramago obrigou que o jovem deixasse a escola e entrasse para o ensino profissional, onde aprendeu o ofício de serralheiro mecânico, assim como francês e uma disciplina de literatura. Foi por meio dela e dos livros escolares portugueses que o jovem promissor desenvolveu o gosto pela literatura. Como afirma Saramago em entrevista concedida para Carlos Reis:

Aí comecei pelos livros de texto, onde ia aprendendo umas quantas coisas, sabendo que existiam uns senhores que eram escritores. Depois li muito na biblioteca das Galveias, à noite, até quando já estava a trabalhar nas oficinas dos Hospitais Civis de Lisboa, como serralheiro-mecânico. (REIS, 2008, p. 22)

Como é possível constatar, embora tivesse contato com a literatura desde a escolarização, o interesse persiste também no jovem Saramago, a ponto de assinalar esta fase marcada pelo interesse próprio pela literatura, lendo muitos autores diversos. Mas a afeição pela literatura foi muito além. Em 1944, trabalhou como empregado administrativo e, por conseguinte, finalmente ingressou no universo literário, passando a trabalhar numa editora (Estúdios cor), como responsável pela produção, atividade que possibilitou a José Saramago o contato com importantes escritores portugueses. Anos mais tarde (1995), em seu tempo livre, ingressou na profissão de tradutor. Dentre alguns livros traduzidos, estão: Colette, Pär Lagerkvist, Jean Cassou, Maupassant, André Bonnard, Tolstoi, Baudelaire, Étienne Balibar, Nikos Poulantzas, Henri Focillon, Jacques Roumain, Hegel, Raymond Bayer. Por fim, outra ocupação paralela, foi a de crítico literário que durou de maio de 1967 a novembro de 1968.

A partir disso, a carreira como escritor ganhou ainda mais força, já que havia escrito, há uns anos, seu primeiro livro intitulado *A viúva* (1947), que mais tarde, devido a questões com a editora, passou a se chamar *Terra do pecado*. Além desse romance, escreveu mais de uma dezena de outros, além de três livros de poemas, dois de crônicas, dois de contos, um de literatura de viagem, sete diários, um livro de memórias, cinco dramaturgias, dois livros de correspondências, dois de ensaios, quatro álbuns ilustrativos e dois livros de ensaios políticos, conforme classificação elaborada e disponível no site da Fundação José Saramago até o momento[[1]](#footnote-1).

Devido ao grande sucesso como escritor, no ano de 1995, José Saramago recebeu o Prémio Camões e o Prêmio Nobel de Literatura em 1998, além de vários outros, desde 1979. Também, foi congratulado como título de doutor *honoris causa* em universidades de diversos países: Itália, Espanha, Reino Unido, Brasil, Estados Unidos da América, França, Chile, Uruguai, Argentina, México, Portugal, El Salvador, Costa Rica, Suécia, Irlanda, Hungria, República Dominicana, Equador, Colômbia, Áustria, Venezuela.

Com base em toda a sua bagagem como escritor, em 29 de junho de 2007 foi criada em Lisboa a Fundação José Saramago, com objetivo de manter viva a sua memória, contribuindo assim para que leitores, pesquisadores e outros apreciadores da literatura encontrem na fundação acervo, exposições e lançamentos literários sobre a obra do escritor, mantendo incessante e permanentemente o seu legado. Aos cuidados da jornalista e escritora Pilar del Río, bem como da filha do escritor, Violante Saramago, além de outros profissionais, a fundação mantém a defesa e a divulgação da literatura do escritor, mundo afora, além de contribuir para a defesa ao cumprimento da *Carta dos Direitos Humanos*, elaborada por Saramago, e dos cuidados e proteção ao meio ambiente.

Com todo esse arcabouço literário e biográfico, Saramago detém uma vasta obra que possibilita aos leitores distintos modos de fruição, além de refletir e questionar a respeito de temáticas sociais, crítica política e religiosa, essencialmente humanas, valendo-se de personagens reais, imaginários, humanos ou outros animais, inclusive de objetos. Muitos desses aspectos encontram-se em especial no romance *A viagem do elefante*, sobre o qual essa pesquisa foi produzida, tendo como foco analisar momentos singulares dessa viagem, aliados ao processo de humanização, e seu contrário, no transcorrer da narrativa.

A obra em questão se passa em meados do século XVI em Portugal e narra a história do elefante Salomão e de seu tratador, o cornaca Subhro, que juntos fazem um longo percurso a pé, acompanhados de uma comitiva portuguesa, sob as ordens do então rei D. João III, o qual resolve presentear o arquiduque austríaco Maximiliano II, recém casado com a filha do imperador Carlos V, que aceita o “presente”. Desse modo, inicia-se uma improvável jornada do elefante e de uma comitiva por diversos países da Europa, de Portugal até a Áustria. O trajeto percorrido se dá através de países, rios, mar, montanhas e neve, além de várias cidades que, curiosas, participam deste fato extraordinário, ou seja, a visita de um animal incomum em um território europeu. Além disso, o texto é marcado por comentários sarcásticos e irônicos dessa jornada repleta de desafios vividos por seus protagonistas.

Neste percurso, porém, compete ao narrador, muitas vezes, a reflexão crítica acerca da natureza humana e animal, já que na história estão representações de personagens que ultrapassam os limites para obter o que desejam: poder, prestígio e riquezas. Por outro lado, há o personagem principal, o elefante, que ao longo do romance demonstra ser mais racional, sensível e afetuoso que os próprios humanos, mesmo tendo sido vítima e se tornado “presente”, sob os olhos de interesses políticos escusos, da monarquia portuguesa à austríaca.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

Sob uma perspectiva hermenêutica, para este ensaio foram priorizados os seguintes caminhos teóricos e metodológicos: primeiramente, fez-se o estado da arte com o propósito de verificar as publicações mais recentes sobre o romance *A viagem do elefante*. Em seguida, fez-se a análise e a interpretação de trechos representativos da mesma obra, tendo como suporte teóricos os pressupostos de Antonio Candido sobre a função da personagem no romance, bem como os processos de humanização e da desumanização operados em trechos nos quais há geralmente inversões entre animal e os demais personagens da narrativa, de modo a observar quais elementos estético-literários são mobilizados na linguagem que tornam a viagem um processo simbólico e expressivo, oportunizando leituras outras sobre o plano conotativo.

 Para Candido, a natureza de um personagem na obra literária depende sobretudo de seu exercício na estrutura do romance, de modo a contribuir para a coerência interna que mantém a lógica do texto: “esta organização é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, calor e nos faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos” (2002, p. 80). Com base em tais pressupostos, cumpre questionar qual a função do personagem elefante no transcorrer da viagem que percorre arduamente, bem como o que esta viagem e este personagem podem significar no plano simbólico do texto. Aliado a isso, verificou-se também quais as relações estabelecidas entre os personagens, em especial a do animal com os humanos e vice-versa, de modo a observar as inversões ocorridas que colaboram para os processos de humanização e desumanização de tais personagens mediante as experiências marcadas por inúmeras adversidades que atravessam o enredo do romance.

 Aliás, a viagem é um tema caro à obra do escritor português José Saramago, pois quase toda a sua produção literária, de algum modo, faz referência explícita ou implicitamente ao imaginário construído sobre esta questão representada em seus textos ficcionais, sobretudo no decurso das personagens e seus enredos narrativos, isto é, nas trajetórias que desenvolvem e percorrem em contos e romances, assim como também aparece discutido por Saramago em outros gêneros textuais: como motivo de debate em diversas de suas crônicas e em entrevistas por ele concedidas. A exemplo disso, há o “Conto da ilha desconhecida” e o romance *A jangada de pedra*, “na função da viagem como eixo estruturante da narrativa, no seu sentido utópico ou na paródia literária” (ARNAUT, 2008, p. 175), além da obra *Viagem a Portugal*, guia de viagem criado por Saramago sob encomenda. Enfim, segundo Reis, em Saramago “a viagem é entendida como estratégia discursiva legitimada enquanto tal precisamente pela dinâmica (espacial e temporal) da viagem” (2015, p. 27).

 Portanto, o tema da viagem está em constante jogo nas obras de Saramago, não só como trajetória de suas personagens, mas como sucessão de fatos e experiências que geralmente consolidam a construção de uma bagagem cultural necessária à compreensão de que a vida é uma viagem permanente, em seus mais diversos planos, afinal, como diz Saramago: “Sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam” (2008, p. 10).

**RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Antes, porém, de iniciar as leituras interpretativas de trechos do romance, segue uma síntese do estado da arte sobre a obra em questão. Como base para o desenvolvimento deste trabalho, foram utilizados cinco artigos. Estes foram derivados de uma pesquisa feita na plataforma do Google Acadêmico, utilizando os seguintes descritores: José Saramago, A viagem do elefante, Viagem. Sendo assim, dentre os artigos encontrados no rol da crítica literária, podemos destacar essas importantes publicações a respeito do romance em questão, a partir dos quais avançamos na leitura e interpretação d’*A viagem do elefante*, pois os autores apresentaram estudos importantes que serviram de conhecimento para a produção desta pesquisa.

Cogo (2017), em sua análise sobre *A viagem do elefante*, discorre sobre a importância e a função da literatura na sociedade ao demonstrar que a literatura não precisa de um caráter utilitário, mas trata de questões importantes da vida, de modo a fazer com que o leitor pense, reflita e questione o que está sendo dito, sobretudo, sua própria existência e seu papel em sociedade.

 Já Dantas e Oliveira (2019) afirmam que na obra *A viagem do elefante* não há respostas prontas e sim problematizações a serem feitas no que diz respeito aos fatos e as instituições. Além disso, dizem que essa atitude de questionar possibilita ao leitor uma construção questionadora própria, a fim de promover o exercício de olhar para si e para a construção histórica da obra como matéria de reflexão e como um lugar que pode ser reformulado e revisto criticamente.

 Matias e Oliveira (2018), por sua vez, buscaram compreender como Saramago, por meio das intersecções entre literatura e história, revisita e interpreta o passado em sua obra, por meio de seu discurso crítico-reflexivo. A partir disso, concluem que a obra em questão conduz o leitor a um universo construído por meio da articulação entre o histórico e o ficcional.

Lucena (2017), por seu turno, teve como foco analisar a importância do espaço no romance, ao mostrar quanto a mudança espacial influenciou os personagens Salomão e Fritz, visto que foram modificados pelo espaço percorrido, podendo assim nos lembrar da nossa humanidade, muitas vezes insignificante.

 Por fim, Trevisan e Atik (2010) concluem seu estudo afirmando que a narrativa saramaguiana opera a transfiguração da história numa direção além do resgate do passado, ao apresentar uma narrativa que se assemelha a uma metáfora da vida: cujo passado traz o selo da pluralidade.

 Por meio das leituras desses artigos foi possível constatar o quanto as pesquisam revelam o potencial crítico que emerge do romance de Saramago, seja proporcionando leituras críticas de espaços, pessoas e instituições, seja provocando o inverso: o questionamento de si mesmo, em um processo de autoanálise permanente mediante o texto literário, como também a revisão histórica com vistas ao presente, além da leitura dos recursos expressivos empregados pelo escritor neste romance, que torna essa viagem alegórica e representativa da nossa própria existência.

Por conseguinte, inicia-se as análises feitas pelos autores deste artigo, a partir da transcrição de citações presentes no romance *A viagem do elefante*, de José Saramago, para abordar algumas das principais passagens vividas por seus protagonistas, nas quais encontram-se a presença de temas que objetivam esta pesquisa: o impacto da viagem e o processo de humanização ou desumanização. Para isso, seguindo a ordem do enredo, os trechos selecionados pertencem a momentos substanciais da obra, em conformidade com a ordem cronológica dos eventos na narrativa. Segue o primeiro excerto:

Em compensação, houve momentos de vivíssima emoção, como foi o caso daquele homem que explodiu num choro convulsivo como se tivesse reencontrado um ser querido de quem havia muitos anos não tinha notícias. A este tratou-o o elefante com particular complacência. Passou-lhe a tromba pelos ombros e pela cabeça em carícias que quase pareciam humanas, tal era a suavidade e a ternura que delas se desprendiam no menor movimento. Pela primeira vez na história da humanidade, um animal despediu-se, em sentido próprio, de alguns seres humanos como se lhes devesse amizade e respeito, o que os preceitos morais dos nossos códigos de comportamento estão longe de confirmar, mas que talvez se encontrem inscritos em letras de ouro nas leis fundamentais da espécie elefantina. (SARAMAGO, 2008, p. 120)

Nesta primeira passagem, momento em que os carregadores se despedem dos militares e do elefante em Castelo Rodrigo, na Espanha, a fim de retornarem a Lisboa, nota-se acentuado teor sentimental durante a despedida dos ajudantes da comitiva, numa cerimônia insurgente, já que envolveu os homens e o elefante Salomão, pois não se sabia como o elefante reagiria ao ato de impor uma despedida. Reunidos em linhas duplas, num ritual excêntrico, a pedido do cornaca, 30 homens ficaram com as palmas das mãos estendidas, esperando afoitos o elefante de aproximadamente quatro toneladas e três metros de altura, para que o animal passasse no meio deles e estendesse a tromba, tocando a mão de cada um, como de fato ocorreu com quase todos, exceto com um, pois houve uma antipatia mútua, sem que o próprio narrador soubesse e explicasse os porquês. Apesar das inseguranças dos homens mediante a maneira como Salomão agiria, num gesto quase humano, ele responde a cada um dos carregadores de maneira distinta, demonstrando que assim como os homens, os animais também têm seus afetos e desafetos.

A partir desse ocorrido, no que diz respeito à humanização do elefante, em seu comportamento com uma espécie diferente, compreende-se nessa passagem a maneira como o narrador estabelece as semelhanças entre homem e animal, ao humanizar o elefante na despedida em sentido próprio, personificando-o ao inseri-lo no centro de um código ritualístico de comportamento humanos.

Nesse momento, torna as duas espécies, biologicamente diferentes, semelhantes, no que diz respeito à maneira de se relacionar com o outro no mundo, deixando de lado os contras que os separam: peso, altura, estrutura física, poder; os aproximando apenas como duas espécies que de alguma forma, dentro de suas próprias leis, devem retribuir algum sentimento por aqueles que fizeram parte de sua jornada.

Note-se também que, por outro lado, no início do mesmo trecho, o narrador diferencia o homem e o elefante, pois ao primeiro foi usada a hipérbole do choro convulsivo, além da comparação com a sensação da perda de alguém, ou seja, o homem representado de modo exagerado e descontrolado. Por outro lado, quando se refere ao elefante, o narrador diz que o animal foi complacente, suave, terno e amigo com o homem, demonstrando que, apesar da difícil situação de despedida, talvez a derradeira, o elefante manteve-se mais controlado se comparado ao humano, isto é, típicas inversões saramaguianas propositalmente irônicas.

Já em outra parte do romance, é narrada a ida de Salomão para Viena, em um percurso repleto de dificuldades, pois o elefante foi instalado em um convés de um navio, de Roses (Espanha) a Gênova (Itália), e precisou se adequar as condições a qual foi subordinado: de espaço, ao ter que abrigar suas quatro toneladas em um lugar reduzido; fisiológica, pois se utiliza de tábuas do navio para depositar as necessidades do animal; além da condição climática, devido aos fortes ventos, chuvas e temperaturas baixas que cercam os grandes alpes, tornando mais difícil a vida do elefante proveniente da Índia, acostumado com as temperaturas altas.

Dessa forma, como nos é apresentado, Salomão está longe de viver em tranquilidade ou de navegar por águas tranquilas. Nesse momento, o elefante tornou-se totalmente sujeito aos caprichos dos homens, tendo que se acostumar com as manobras e o aperto da embarcação. Num processo de degradação, o animal vive distintas adversidades, ao contrário do tratamento conferido a esta espécie em muitas culturas, principalmente na indiana, visto como símbolo do sagrado, da prosperidade e do bem-estar. Já para esses portugueses, Salomão se assemelha por vezes apenas a uma carga sem uso, prestes a ser jogada em qualquer lugar, como afirma o narrador sobre esta passagem:

Pensam eles que é preciso ter muita paciência para aturar os seres humanos, inclusive quando nós os perseguimos e matamos para lhes serrarmos ou arrancarmos os dentes por causa do marfim. Entre os elefantes recordam-se com frequência as famosas palavras pronunciadas por um dos seus profetas, aquelas que dizem, Perdoai-lhes, senhor, porque eles não sabem o que fazem. Eles somos todos nós, e em particular estes que aqui vieram só pela casualidade de o verem morrer e que neste momento iniciaram o caminho de regresso a Valladolid, frustrados como aquele espectador que seguia uma companhia de circo para onde quer que ela fosse só para estar presente no dia em que o acrobata caísse fora da rede. (SARAMAGO, 2008, p. 166)

Apesar de momentos que aproximam homens e animais, como anteriormente ocorreu durante a despedida do elefante aos carregadores, esta outra passagem mostra outro lado: a desumanização do ser humano. Isto é, o narrador usa da ironia e da crítica ao homem, colocando-o como o verdadeiro perigo para as outras espécies que o rodeiam, capaz das maiores atrocidades para obter aquilo que deseja. Dessa forma, assemelha os homens presentes na narrativa aos caçadores que perseguem e matam elefantes para adquirir os dentes por causa do marfim.

Há também o uso explícito e irônico de uma citação bíblica, segundo o narrador, pela memória dos elefantes, de modo a fazer referência àqueles homens que fazem uso da religião para cometer crimes, justificando dessa maneira tais atos. A passagem, aliás, remete a outra obra de Saramago, especialmente a última parte do romance, quando Jesus, o protagonista humanizado do *Evangelho Segundo Jesus Cristo*, diz: “Homens, perdoai-lhe, porque ele não sabe o que fez” (SARAMAGO, 1991, p. 154), invertendo, mais uma vez: nesse caso, o vocativo, para atribuir a Deus a responsabilidade pelas ações humanas “guiadas” à luz divina. Assim, são feitas críticas agudas à natureza humana, tornando cada dia mais difícil a existência animal e, por outro lado, a própria autodestruição humana, sua desumanização.

Por conseguinte, outro momento em destaque acontece quando a comitiva do paquiderme entra em terras de Viena. À medida que se aproximava, reparava as torres e cúpulas no horizonte, as portas da cidade abertas e o povo nas ruas e praças ansiosos vestindo seus melhores trajes para receber os arquiduques. Como nos apresenta o narrador, diferente de Valladolid, que ao encontrar a comitiva, em especial o elefante, o povo ibérico ficou eufórico como crianças, em Viena o povo cultivava a ordem e a disciplina, em respeito às autoridades.

Ao passo que a comitiva se adentrava pelas ruas de Viena, com passos lentos e medidos, o elefante percorria o cortejo sem pressa de chegada. Porém, apesar do rigor e da excessiva formalidade da cena, o inesperado acontece: conforme a comitiva ia passando, de súbito, uma menina de aproximadamente cinco anos, acompanhada dos pais assistindo o cortejo, escapou da vista de seus responsáveis e, em uma atitude inocente, de repente correu de encontro ao elefante.

De súbito, uma menina de uns cinco anos, soube-se mais tarde que esta era a sua idade, assistindo com os pais à passagem do cortejo, desprendeu-se da mão da mãe, e correu para o elefante. Um grito de susto saiu da garganta de quantos se aperceberam da tragédia que se preparava, as patas do animal derrubando e calcando o pobre corpinho, o regresso do arquiduque assinalado por uma desgraça, um luto, uma terrível mancha de sangue no brasão de armas da cidade. Era não conhecer salomão. Enlaçou com a tromba o corpo da menina como se a abraçasse e levantou-a ao ar como uma nova bandeira, a de uma vida salva no último instante, quando já se perdia. (SARAMAGO, 2008, p. 252)

 Nesta passagem, nota-se mais uma vez a maneira com que o narrador aproxima homens e animais, tornando nesse relato ambos personagens sensíveis aos acontecimentos que os cercam. No entanto, diferentemente da maioria das passagens, onde há algum interesse por trás do “zelo” prestado a Salomão, nesta não existe um interesse escondido, é apenas uma criança inocente e alheia aos perigos iminentes. Assim, torna esta uma das cenas mais marcantes do romance, neste encontro entre a menina e animal, uma criança que certamente estava indo dar um abraço no grandioso animal, ou seja, com propósito totalmente diverso daqueles que o exploravam com as mais diversas finalidades.

 Por isso, o acolhimento por meio do gesto instintivo, ou até mesmo afetuoso, do animal que salva aquela criança de um destino provavelmente trágico, confere à cena uma humanidade surpreendente e bela. Portanto, esse episódio é emblemático no romance *A viagem do elefante* porque aposta na humanização do animal, como também na possibilidade de mudança representada pela autenticidade da criança, ainda não corrompida pelos comportamentos sociais exploratórios.

Por fim, a jornada que Salomão e seu tratador, o cornaca Fritz, fizeram de Belém até Viena, numa viagem repleta de desafios e dificuldades, mas também de emoção, chega ao desfecho. Nesse último acontecimento, após ambos receberem a benção do arquiduque para residirem em Viena, há um corte na narrativa de aproximadamente dois anos, pois o elefante, em meados do último mês de 1553, vem a óbito, sem que se saiba qual a causa. Retomando à ideia de Candido sobre a função da personagem no romance, isto é, sua coerência interna, é previsível a morte do paquiderme, que ainda sobreviveu por dois anos, após passar por constantes adversidades pelo extenso caminho percorrido no mapa europeu, inclusive ficar preso em país de baixas temperaturas.

Além disso, o narrador conclui afirmando que Salomão, após a morte, teve seus membros, em específico suas patas dianteiras, limpos, curtidos e usados como recipientes à entrada do palácio, para guardar bengalas, bastões, guarda-chuva e sombrinhas de verão. Ou seja, não bastou todo o sofrimento durante a viagem, bem como o modo como foi tratado em Viena, porque mesmo após a morte, seu corpo ainda continuou a ser explorado, num ciclo perpétuo de degradação. Aliás, como já sinalizado e previsto pelo narrador em excerto mencionado quando disse a respeito da exploração do marfim.

Já o corcana Fritz, recebeu uma quantia em dinheiro: uma propina generosa das mãos do arquiduque com a qual comprou uma mula e um burro para levar os seus pertences, anunciando assim, que iria regressar a Lisboa. Entretanto, segundo apresentado na narrativa, não há notícias se Fritz entrou no país ou se mudou de ideia e tomou outro rumo ou até mesmo se acabou falecendo antes de chegar a Lisboa. Ou seja, por ter perdido a sua função, cuidador experiente de elefantes, o personagem perde seu exercício na narrativa, como se ficasse à deriva.

Semanas após os acontecimentos, chegou à corte portuguesa uma carta do arquiduque de Viena informando o falecimento de Salomão, mas também avisando que os governantes e o povo vienense nunca o esqueceriam, por ele ter salvado uma criança, acentuando, mais uma vez, a perspectiva apenas utilitarista conferida no tratamento ao animal. Neste instante, o rei Dom João terceiro apresentou surpresa e mágoa. Já a rainha, aquela responsável pela ideia de fazer do elefante uma mera moeda de troca política e comercial, numa atitude de quem sabe que as notícias não são boas, antes mesmo de terminar o comunicado, passou a gritar e correu para os aposentos, onde ficou o resto do dia a chorar.

O elefante morreu quase dois anos depois, outra vez inverno, no último mês de mil quinhentos e cinquenta e três. A causa da morte não chegou a ser conhecida, ainda não era tempo de análises de sangue, radiografias do tórax, endoscopias, ressonâncias magnéticas e outras observações que hoje são o pão de cada dia para os humanos, não tanto para os animais, que simplesmente morrem sem uma enfermeira que lhes ponha a mão na testa. Além de o terem esfolado, a salomão cortaram-lhe as patas dianteiras para que, após as necessárias operações de limpeza e curtimento, servissem de recipientes, à entrada do palácio, para depositar as bengalas, os bastões, os guarda-chuvas e as sombrinhas de verão. Como se vê, a salomão não lhe serviu de nada ter-se ajoelhado. (SARAMAGO, 2008, p. 213)

Portanto, conclui-se nessa passagem, ou melhor, no fim da jornada de Salomão, que todos os esforços de sobrevivência realizado por ele durante a viagem, desde o momento que saiu de sua terra como forma de presente ao arquiduque, marcaram seu condenado tempo de vida, preparando-o para sua eminente morte: o fim de sua viagem.

Além disso, percebe-se a explícita crítica irônica que o narrador usa, ao destacar que todos os feitos de Salomão não serviram de nada, já que o destino o aguardava para o destino trágico. A ironia também recai inclusive ao fato do animal ter se ajoelhado, gesto humano simbolicamente remetido à religiosidade. Assim, constata-se a previsibilidade acenada por Saramago logo na epígrafe do romance *A viagem do elefante*: “sempre chegamos ao sítio aonde nos esperam” (SARAMAGO, 2008, p. 10), nomeadamente quando somos monopolizados.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O romance *A viagem do elefante* é representativo na obra de José Saramago por trazer à baila um animal como protagonista, um elefante, e sua simbólica viagem realizada sob inúmeras dificuldades, que conotativamente remetem à ideia de humanização e desumanização operadas pelo animal e seus responsáveis de viagem, a comitiva que o acompanhava.

O próprio início do romance, que revela a decisão do então rei português de enviar de “presente” um elefante à monarquia austríaca, fato histórico comprovado, revela de imediato ao leitor o absurdo das ações de representantes do poder político, que coloca homens e animais à mercê de seus interesses políticos próprios, independente das consequências.

Retomando a perspectiva teórica calcada na função da personagem dentro da estrutura interna da obra, observou-se como uma viagem, praticamente improvável para um animal do porte de um elefante, estava certamente fadada ao fracasso e a degradações. Mesmo assim, por outro lado, foi a partir do animal que distintas cenas do romance ganham as tintas da humanização, como foi o caso da cena do encontro com a menina em Viena.

 Ressalve-se, contudo, o papel de decisivo do personagem Subhro no tratamento que confere ao elefante Salomão durante toda a jornada, representando uma união amistosa entre homem e animal, pois apesar dos inevitáveis conflitos que percorrem, a dupla assume um lugar crescente na obra, ao contrário da comitiva que os acompanharam.

Ao trilhar um longo percurso movido por inúmeros desafios, como também por momentos dignos de apreço, a viagem do protagonista e seus acompanhantes adquire um dimensão essencialmente alegórica, uma representação do percurso da existência humana, repleto de percalços, desafios, enfrentamentos, mas também de surpresas, aproximações e emoções, ou seja, um espelhamento da própria existência humana, em especial jornadas guiadas à sombra do poder político inconsequente e manipulador.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos.** Ouro Sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo E. Salles; PRADO. Décio de Almeida; ROSENFELD, Anatol. **A Personagem de Ficção.** São Paulo:Perspectiva, 2002.

COGO, Claudia Luana. **A presença do passado e da deslocação em A viagem do elefante.** Realeza – PR: Repositorio digital - UFSS, 2017.

DANTAS, Gregório Foganholi; OLIVEIRA, Adrieli Aparecida Svinar. **Ficção e história em A viagem do Elefante, de José Saramago.** Dourados – MG: Caletroscópio, 2019.

LUCENA, Thayanne Oliveira Rosa. **Os itinerários entrecruzados: o homem e o elefante em suas relações de degradação, em A viagem do elefante, de José Saramago.** Brasília – DF: Revista Eixo, 2017.

MATIAS, Felipe dos Santos; OLIVEIRA, Rafael Victor Rosa. **A comunidade imaginada na metaficção historiográfica saramaguiana: a viagem do elefante e as relações com a nova história.** Revista Água viva, 2018.

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago.** Porto Editora, 2015.

SARAMAGO, José. **A viagem do elefante.** Companhia das Letras, 2008.

SARAMAGO, José. **O Evangelho Segundo Jesus Cristo.** Companhia das Letras, 1991.

SARAMAGO, José. **Fundação José Saramago.** Disponível em: [https://www.josesaramago.org](https://www.josesaramago.org/). Acesso em: 15 de agosto de 2022.

TREVISAN, Ana Lúcia; ATIK, Maria Luiza Guarnieri. **A ficcionalização da história em A viagem do elefante.** Todas as letras, 2010.

1. As informações descritas neste parágrafo foram retiradas do site Fundação José Saramago, disponível em: <https://www.josesaramago.org/>. Acesso em: 15 de agosto de 2022. [↑](#footnote-ref-1)